



Licenciatura e Gestão do Ambiente e Território

Corredor Verde

Projeto Final de Licenciatura

Elaborado por António Manuel Dias Franco

Aluno nº 20121743

Orientador: Professora Doutora Sandra Félix

Barcarena

julho de 2016

Agradecimentos

Agradeço à Câmara Municipal de Ovar por acesso a documentos inerentes ao trabalho.

Chefe de Divisão Ambiente, Cláudia Cardoso, Eng^a .
Responsável Repositório Biblioteca Municipal Ovar, Sr. Arlindo.

Agradeço à Câmara Municipal de Espinho.

Responsável FACE em Espinho, Abel Dias, Dr.

Agradeço à Junta de Freguesia de Paramos que me facultou informação.

Agradeço à Sandra Dias da Tanoaria J. Dias & Ca, SA pela sua disponibilidade

Agradeço à minha mulher pelo apoio incondicional durante esta etapa e todo o curso.

Agradeço ao meu amigo Oscar Pinto que me acompanhou nas idas ao Castro de Ovil.

Agradeço à minha sempre querida amiga Isabelinha pelo apoio.

Agradeço aos professores que me ajudaram no meu crescimento intelectual.

Agradeço, com respeito por todos, aos meus colegas do 1º Ano, João Pinto, Ronaldo Meneses e Patrick, que me acolheram bem e me apoiaram em momentos “menos bons da vida”.

Agradeço à minha professora e orientadora Doutora Sandra Félix que me ajudou pela disponibilidade de tempo para acabar este trabalho.

Agradeço à minha professora Doutora Rita Teixeira D’Azevedo pelas dicas preciosas que durante o curso me foi dando.

Quero agradecer, sem exceção, a todos os professores e colegas com quem tive o gosto de partilhar bons momentos de alegria e boa disposição. Por isso, Obrigado. Até um dia destes.

Agradecimentos	2
Índice Figuras	4
1 Introdução	5
1.1 Enquadramento geral	5
1.2 Antecedentes	5
1.2.1 Castro de Ovil	5
1.2.2 Lagoa de Paramos	6
1.2.3 Parque Ambiental do Buçaquinho	6
1.3 Objetivos.....	7
1.4 Metodologia	7
2 Património Material e Imaterial: Concelhos de Espinho e Ovar	8
2.1 Património Material: Concelho de Espinho – Igrejas	8
2.1.1 Freguesia de Espinho	8
2.1.2 Freguesia de Anta	8
2.1.3 Freguesia de Guetim	9
2.1.4 Freguesia de Sílvalde	9
2.1.5 Freguesia de Paramos	9
2.2 Património Material: Concelho de Ovar – Igreja.....	10
2.2.1 Freguesia de Esmoriz.....	10
2.3 Património Imaterial: Concelho de Espinho e Ovar	10
2.3.1 Arte Xávega e da Tanoaria	11
2.3.2 Arte Xávega – Descrição da arte	12
2.3.3 O Barco de Arte e o Barco da Xávega.....	14
2.3.4 As companhas	15
2.3.5 O Vareiro ou pescador e as comunidades piscatórias.....	16
2.4 Tanoaria	17
2.4.1 Uma estória dentro da História	17
2.4.2 Tanoaria J. Dias & CA. SA.....	19
2.4.3 Método de construção de um barril	19
2.4.4 O Golf	21
2.4.5 Aero clube da Costa Nova	23
3 Caso de Estudo “Corredor Verde”	24
3.1 Apresentação do “Corredor Verde” – Poster Científico.....	24
3.2 Caracterização da área de estudo	26
3.3 Zona de Castro de Ovil	26
3.4 Lagoa de Paramos – Localização.....	27
3.4.1 Espécies de fauna existentes	27
3.4.2 Ameaças existentes para a Lagoa	27
3.4.3 Ligar a Lagoa ao Parque Ambiental do Buçaquinho	28
3.4.4 Lagoa de Paramos, que futuro?.....	28
3.4.5 Instabilidade da água da Lagoa.....	29
3.4.6 Acessos à Lagoa.....	29
3.4.7 Melhor época para conhecer a Lagoa	30
3.5 Sugestões para implementação do passadiço.....	30
4 Conclusões e sugestões para prosseguimento do estudo	32
4.1 Conclusão.....	32
4.2 Sugestões para prosseguimento do estudo.....	32

Índice Figuras

Figura 1 – Castro de Ovil	5
Figura 2 – Lagoa com Lagostins no Parque Ambiental do Buçaquinho	6
Figura 3 – Barril fabricado na Tanoaria J. Dias & Ca, SA	7
Figura 4 – Igreja Paroquial de Espinho	8
Figura 5 – Igreja paroquial de Anta	8
Figura 6 – Igreja Paroquial de Guetim	9
Figura 7 – Igreja Paroquial de Sílvalde	9
Figura 8 – Igreja Paroquial de Paramos	10
Figura 9 – Igreja Paroquial de Esmoriz	10
Figura 10 – Barco de “Xávega” e Tanoaria	12
Figura 11 – Barco de Arte “Xavega” usado em Espinho	14
Figura 12 – Barco da Arte de “Xávega”	15
Figura 13 – Monumento alusivo ao Tanoeiro	18
Figura 14 – Logotipo da J. Dias & CA, SA	19
Figura 15 – Processos de fabrico de um Barril	21
Figura 16 – Balseiro e Tonel fabricados na Tanoaria J. Dias & CA, SA	23
Figura 17 – Poster Científico, Projeto Gestão Aplicada I	25
Figura 18 – Percurso do Paiva, Passadiço de Madeira	31

1 Introdução

1.1 Enquadramento geral

O presente trabalho consiste numa proposta de um roteiro turístico que abrange um “Corredor Verde” inserido nos concelhos de Espinho e Ovar e tem como principal componente a valorização histórica e ambiental dos três locais de estudo. Castro de Ovil, com a sua história e arqueologia, a Lagoa de Paramos, com a sua importância ambiental, a sua requalificação e valorização ao nível da fauna e da flora e por último mas não menos importante, temos o Parque Ambiental do Buçaquinho, um parque com uma riquíssima biodiversidade e espaço lúdico e de lazer.

1.2 Antecedentes

1.2.1 Castro de Ovil

Trata-se de um antigo povoado existente antes da época dos romanos e de estes terem entrado na Península Ibérica e situa-se no concelho de Espinho, na freguesia de Paramos, lugar do Monte. É referenciado na documentação medieval pelo menos a partir dos inícios do século XI.

Em 1981, foi identificado como sítio arqueológico e nesse ano deram-se as primeiras sondagens arqueológicas nesse lugar. Em 1982, uma nova campanha possibilitou a exumação dos primeiros vestígios das estruturas habitacionais.

Em 1986, a área de implementação do estudo de Castro de Ovil foi adquirida pela Câmara Municipal de Espinho e esta área foi classificada de imóvel de valor concelhio. Já em 1992, e sob a responsabilidade da câmara, foram retomados os trabalhos e várias campanhas de trabalho arqueológico, que foram posteriormente integrados num projeto de investigação.



Figura 1 - Castro de Ovil

1.2.2 Lagoa de Paramos

A Lagoa de Paramos, junto ao mar, divide o Litoral Norte (Porto) da Beira Litoral (Aveiro) e é alimentada pela ribeira do Riomaior, concelho de Espinho e pelo rio Lambo, concelho de Ovar. A ribeira faz um percurso de aproximadamente 7 km até chegar à lagoa. O rio Lambo nasce em São João de Vêr, Cortegaça, concelho de Ovar.

A Lagoa de Paramos, apesar de recentemente ter vindo a ser alvo de menos atenção, é uma área de grande interesse ecológico, paisagístico e recreativo.

Todos os anos, a Lagoa é aberta ao mar, e vem a revelar a incúria, desleixo e até uma certa ignorância por parte de entidades públicas e privadas. A água está tão poluída que peixes já não se veem e são trocados por plásticos que derivam à tona. Segundo informação recolhida, no ano de 2000 era primeiro ministro António Guterres, este tinha estado em Espinho e em conjunto com entidades locais, apoio de privados, responsáveis pelo movimento SOS Lagoa, tinha ido anunciar o avançado estado de degradação do local. Hoje, ano de 2016, ainda nada ainda foi feito, continuado a Lagoa a padecer dos mesmos problemas.

1.2.3 Parque Ambiental do Buçaquinho

Situado na antiga ETAR de Esmoriz/Cortegaça, local que foi requalificado e transformado em espaço de lazer, é um espaço onde se podem fazer atividades ao ar livre, contempla uma cafetaria, parque infantil, jardim de plantas aromáticas e uma torre de observação da avifauna. Tem atualmente seis lagoas que são alimentadas pelo rio Lambo. A água entra a sul numa das lagoas, é feita a passagem de lagoa em lagoa da água e depois devolvida ao leito do rio. Este parque integra ainda uma rede de caminhos pedonais e ciclovias, que partilham a mesma plataforma.



Figura 2 – Lagoa com Lagostins no Parque Ambiental do Buçaquinho

1.3 Objetivos

Este trabalho pretende propor um roteiro turístico, designado por “Corredor Verde”, começando em Castro de Ovil, seguindo pelas margens da ribeira do Rio Maior (sentido norte-sul) até à Lagoa de Paramos, e terminando no Parque Ambiental do Buçaquinho, pelas margens do rio Lambo (sentido sul-norte).

O objetivo será valorizar e dar a conhecer, em conjunto, todo um potencial turístico com ênfase no património material e imaterial, dando assim visibilidade à componente ambiental e histórica dos locais a visitar.

1.4 Metodologia

A realização deste trabalho teve início com uma etapa de pesquisa *in loco*:

- Visita aos três locais, Castro de Ovil, Lagoa de Paramos e o Parque Ambiental do Buçaquinho.
- Visita à Divisão de Ambiente da Câmara Municipal de Ovar e Repositório da Biblioteca Municipal de Ovar.
- Visita ao FACE (Fórum de Arte e Cultura de Espinho) em Espinho, antiga fábrica Brandão Gomes, onde estava instalada a indústria conserveira convertida em museu municipal.
- Visita à Tanoaria J. Dias & Ca, SA em Paramos.



Figura 3 – Barril fabricado na Tanoaria J. Dias & Ca, SA

2 Património Material e Imaterial: Concelhos de Espinho e Ovar

2.1 Património Material: Concelho de Espinho – Igrejas

O concelho de Espinho é composto por cinco freguesias e foi criado em 1899, localiza-se junto ao litoral e pertence ao concelho de Espinho, distrito de Aveiro. As freguesias são elas as de Espinho, Anta, Guetim, Sílvalde e Paramos. Todas têm uma igreja paroquial.

2.1.1 Freguesia de Espinho

Igreja Paroquial – Orago Nossa Senhora da Ajuda

Sendo criada a freguesia eclesiástica por decreto de 17 de Setembro de 1889 e inaugurada a 22 do mesmo mês pelas entidades religiosas da diocese, servindo-lhe de primeira paróquia uma grande capela na Praça Nova, na larga zona que tinha sido invadida pelo mar.

Foi construída a atual igreja no ano de 1930. Esta construção, no seu tempo, foi muito considerada, apresentando-se como uma obra de grande categoria para a época.



Figura 4 – Igreja Paroquial de Espinho

2.1.2 Freguesia de Anta

Igreja Paroquial – Orago São Martinho

Templo simples, estreita e de altura média. A sua construção remonta à segunda metade do século XVIII de traçado setecentista.



Figura 5 – Igreja Paroquial de Anta

2.1.3 Freguesia de Guetim

Igreja Paroquial – Orago Santo Estevão

A construção data de 1872 e a antiga estava a norte da zona populacional chamada Igreja Velha. Edifício de tamanho médio, correspondendo ao número de fogos da freguesia, um pouco mais de uma centena naquela altura e de duas no momento.



Figura 6 – Igreja Paroquial de Guetim

2.1.4 Freguesia de Sílvalde

Igreja Paroquial – Orago Santo Tirso Maior

A igreja começou em 1903 e terminada em 1906. Seguiu a linha geral dos templos da região no final do século passado.

O estado de conservação da igreja é bom e continua a ser um grande local de culto por parte dos emigrantes.



Figura 7 – Igreja Paroquial de Sílvalde

2.1.5 Freguesia de Paramos

Igreja Paroquial – Orago Santo Tirso

Esta igreja foi começada em 1886, vindo a ser benzida a 4 de Setembro de 1890. No ano em que a nova igreja (esta) em benzida, a antiga era demolida, hoje no local, encontra-se o salão paroquial. Tem na sua fachada principal, os santos S. Pedro e S. Paulo.



Figura 8 – Igreja Paroquial de Paramos

No concelho de Espinho existem ainda capelas, que são locais de culto, e que estão localizadas pelas freguesias que o constituem.

2.2 Património Material: Concelho de Ovar – Igreja

2.2.1 Freguesia de Esmoriz

Igreja Paroquial – Orago Nossa Senhora da Assunção

Esta igreja foi construída em 1892, tendo sido aproveitado os alicerces da antiga. O interior é muito modesto e é amplo, toda a branco e dourado.



Figura 9 – Igreja Paroquial de Esmoriz

O Património Material religioso, é um património rico em arte, onde espelha bem a sabedoria que os artesãos da época tinham das diferentes profissões. Os marceneiros, carpinteiros, pintores, talhadores, doudadores, predeiros, ferreiros e outros mais, todos ficaram gravados nas memórias dos edifícios hoje existente. Estas igrejas, eram e são sinónimo, da devoção que as gentes tinham aos seus oragos e são uma prova da sua fé ao credo que acreditam e praticam. A religião, molda assim o comportamento humano.

2.3 Património Imaterial: Concelho de Espinho e Ovar

A nível do património imaterial, serão mencionados a Arte de Xávega, a industria conserveira, a Tanoaria, o Golf, o Aero clube e o Centro Hípico.

Todo este património pode e deve ser articulado num roteiro turístico que tenha a componente ambiental como principal alvo. Por isso, é apresentada uma ideia de como se pode articular o património material, imaterial e a preservação e requalificação de espaços estão a carecer de atenção.

2.3.1 Arte Xávega e da Tanoaria

Duas artes distintas cujas origens se perdem no tempo

Desde tempo imemoriais que estas atividades artesanais se revelavam mais produtivas que a agricultura, permitindo uma melhoria na qualidade de vida das gentes de Paramos, concelho de Espinho, e Esmoriz, no concelho de Ovar.

Estes usos e costumes tradicionais, passados de geração em geração, atingiram o seu apogeu em meados do século XVIII, começando o seu declínio já nos princípios do século XX.

Em Paramos e Esmoriz, segundo registos que datam do século XIII, a comunidade pesqueira era oprimida pelos fidalgos que lhes exigiam determinados direitos sobre o pescado retirado da Lagoa de Paramos.

É já no século XVII que se ouve falar de companhas, aparentemente semelhantes às que existem atualmente.

Esmoriz foi o berço de muitos tanoeiros que se deslocavam a pé para o Porto e para Gaia onde se concentravam esse tipo de indústria. É já no século XX que se começaram a instalar tanoarias em Esmoriz e Paramos, que rapidamente, se começaram a desenvolver com novas técnicas de produção.

Aliadas à inauguração dos caminhos de ferro em Esmoriz que ligaram esta localidade a Vila Nova de Gaia em 1830 e gradualmente ao resto do mundo, as artes de Xávega e Tanoaria, proliferaram para lá das fronteiras portuguesas fazendo-se chegar a outros continentes, como o Brasil, para onde se exportava a sardinha, e Inglaterra, para onde se exportava o vinho. Foram os ingleses que vieram reconhecer a importância do famoso vinho do Porto e dar relevo à zona do Douro.

Com o passar dos anos a crise instalou-se, levando para lá do tempo o espetáculo que envolvia dezenas de pessoas, barcos, remos e apetrechos na entrada para o mar e no

seu regresso, com o habitual puxar de cordas, para recolher a rede carregada de pescado para terra, puxada por homens, até há pouco tempo por juntas de bois, que deu origem à expressão “onde os bois lavram o mar”, e hoje por tratores. As ruas de Esmoriz e Paramos onde se ouvia, e ainda hoje se ouve, o malho a bater nas tanoarias, onde se podem ver homens curvados e suados sobre o barril que estão a construir.



Figura 10 – Barco de Arte “Xávega” e Tanoaria

2.3.2 Arte Xávega – Descrição da arte

A Arte Xávega é um método que utiliza uma rede com bolsa grande e umas asas laterais que são usadas por arrasto junto à costa em águas pouco profundas e por embarcações, algumas de porte médio, que são consideradas pequenas.

Esta arte consiste num tipo de pesca artesanal e de proporções pequenas em que o barco entra no mar, deixando um dos cabos de alagem em terra e de seguida a rede é largada da embarcação envolvendo uma pequena área de mar e sendo o segundo cabo trazido para a praia, puxando a rede onde se encontra o peixe capturado.

À medida que a rede vai sendo puxada, vai-se diminuindo a distância entre as redes para que o peixe fique aprisionado, a esta maneira de puxar a rede dá-se o nome de alagem, que antigamente era por tração humana, depois passou-se a usar animais, os mesmos que eram usados na agricultura para lavrar as terras. Hoje em dia, usa-se tratores agrícolas.

A Arte Xávega, é uma arte a que se dá o nome de Arte Grande ou Maior, e ainda é um tipo de pesca existente no nosso país. Esta pesca é diferenciada das outras por ser uma pesca de cervo e alar para terra com barco pequenos ou médio porte.

Este tipo de pesca, é uma das formas mais antigas de pesca no mar e foi desenvolvida no Mar Mediterrâneo. Com o tempo começou a expandir-se para a Andaluzia e para o Algarve e de seguida para toda a costa litoral de Espanha e Portugal. Em Portugal, surgiu primeiro na região do Algarve por volta de 1405. Na costa norte surgiu através dos espanhóis e franceses.

Não existe um consenso sobre a época em que terá surgido. A documentação existente não refere com precisão os tipos de barcos que eram utilizados, não sendo, talvez, muito diferentes do que hoje é usado.

O modo de pesca começou por ser chamado de Xábaka, em árabe, nome dados às redes de arrasto para terra que originou mais tarde, as palavras Jábega em castelhano e Xávega em português. Não existindo, tanto no espaço como no tempo, certezas relativamente quanto à evolução deste tipo de pesca, sabe-se contudo que o Barco de Xávega algarvio provém diretamente da Xábaka islâmica e da Jábega andaluza.

No Norte e Centro de Portugal, durante os séculos VII – XVIII existiam vários tipos de rede de arrasto (pesca) muito semelhantes às da Xávega. A estas redes dava-se o nome de chinchorros.

A partir do século XVIII, houve uma introdução de um novo tipo de pesca de cerco e alar para terra com um barco um pouco diferente daquele que era utilizado na região do Algarve, o barco de mar. O barco de mar, era um barco característico da beira litoral, bastante curvo e tinha a forma de meia-lua.

Este barco tinha influências galegas e começou a chamar-se assim pelos pescadores de Arte. Já no século XVIII, no centro e norte do país, deu-se uma grande expansão deste tipo de pesca, com redes de grandes dimensões e com barcos também diferentes.

Ao longo do tempo, a Arte foi-se desenvolvendo e expandindo para sul, o que originou novas povoações em praias antes desertas. As gentes que se iam juntando, formavam comunidades piscatórias, e estas construía palheiros sempre com a proximidade da população camponesa para assegurarem a tração animal para puxarem as redes. Este processo de colonização das praias no litoral e sua difusão ficou a conhecer-se por diáspora do litoral.

Durante o século XVIII até ao século XX, a pesca de arrasto continuou a ser praticada no Algarve ao mesmo tempo em que a Arte era praticada no norte e centro de Portugal.

A Arte praticada no litoral norte e centro, não era igual à praticada no Algarve. Tinham diferenças, como os barcos, e existiam fatores como as condições climáticas que faziam com que no norte e centro a pesca de arrasto fosse praticada de maneira diferente da do sul.

Este tipo de pesca era sazonal e arriscado, devido às más condições do mar (norte e centro), obrigando os pescadores a procurarem outro tipo de pesc como meio de subsistência. Os pescadores da região norte iam pescar para a Ria de Aveiro e os do centro para a Ria de Montemor-o-Velho.

Por toda a costa portuguesa, foi assim que se foi desenvolvendo o processo de colonização para sul e assim nasceram as companhas dos pescadores da Arte que se foram fixando e criando mais povoações à beira mar.

Este tipo de expansão contínua e secular, foi um processo lento e progressivo. Foi assim, moldando a geografia humana (demografia) do território nacional.



Figura 11 – Barco de Arte “Xavega” usado em Espinho

2.3.3 O Barco de Arte e o Barco da Xávega

Na primeira metade do século XX, na nossa costa, chegaram a ser utilizados barcos de porte maior e levavam quarenta e dois pescadores a bordo e usavam dois pares de remos. Hoje em dia, na praia de Mira e nas praias de Espinho, os barcos continuam com as mesmas medidas e são puxados para o mar e do mar para terra com auxílio de tratores agrícolas que têm aladores rotativos mecânicos.

Em 1903, o Estado português e a Marinha, uniram esforços para juntarem a Arte do norte com a Xávega do sul e assim criarem uma nova designação, a Arte Xávega.

Os barcos continuam a ter diferenças na sua forma, sendo o do Litoral Norte e Centro (barco da Arte) em meia-lua, com a proa mais alta do que a popa fazendo um bico, o que facilita na movimentação no mar servindo para enfrentar e quebrar as ondas com maior agitação.

Os barcos utilizados na Xávega, na região do Algarve são planos, sem proas ou popas alteradas, parecendo-se com canoas, visto que no Algarve o mar não é tão agitado como no norte e centro do país.

Ao barco de Arte, também lhe chamam Xávega, o que não é muito correto pela tipologia do mesmo.

Em Portugal, devido a este tipo de pesca onde as redes eram puxadas por juntas de bois, ainda hoje se ouve a expressão, “Portugal, um país onde os bois lavram o mar”.

A Arte da Xávega, passou a ser caracterizado não pela tipologia dos barcos, mas pelo tipo de redes que se usa e a maneira como é lançada e retirada do mar.



Figura 12 – Barco da Arte de “Xávega”

2.3.4 As companhias

As companhias, de norte a sul do país, foram surgindo com o agrupamento de pescadores e estes deram origem à Arte Xávega, dedicando-se à faina do mar. Esta Arte, foi moldada por um tipo de quadro humano, original, que desenvolveu uma forma particular de organização social.

O Vareiro, a Varina e os seus filhos caracterizavam um tipo de família que tinham na pesca a sua principal fonte de sustento e dinâmica social.

2.3.5 O Vareiro ou pescador e as comunidades piscatórias

Os pescadores encaram o perigo a toda a hora, é uma profissão para a qual é necessário ter uma grande coragem e força. Os homens do mar são considerados heróis que contam as suas histórias que vão passando de geração em geração. Contudo, estes homens conhecem bem os perigos que correm, daí, os ritos ligados ao perigo e às boas pescarias. São comunidades muito devotas a um santo a quem pedem proteção. Tentam, sempre que possível, construir uma capela perto dos locais onde habitam, em honra dos santos a quem são devotos. Na zona de Espinho e Ovar, não são devotos apenas aos santos da sua paróquia, veneram ainda hoje, outros santos populares. Na sua veneração pedem melhores dias de pescada. As mulheres, ainda hoje é costume, recorrem muito à religião para pedir que nada de mal aconteça aos homens do mar.

Antigamente, os pescadores quando encontravam uma praia deserta onde pudessem pescar à vontade, começavam por dormir na areia abrigados pelos barcos, levavam alimentação que durasse toda a semana e ao domingo regressavam a casa. E assim se iam expandindo e formando novos núcleos populacionais.

Pela vida que levavam e pelo seu trabalho ser um benefício ao bem comum, os pescadores ao longo dos anos também foram tendo direito a alguns privilégios, como por exemplo, a isenção de impostos e encargos por quatro anos, estavam também isentos de trabalho aos domingos e dias santos. Estavam também, isentos do serviço militar, mas esta isenção acabou por ser retirada porque começou a haver inúmeras matrículas em algumas companhias, apenas para não cumprirem o recrutamento.

Sendo que este tipo de pesca não atrai muito os jovens por ser pouco remunerada, a maioria dos pescadores da Xávega são reformados que veem neste tipo de pesca um auxílio para pagar as contas. Contudo, existem praias em que a Xávega ainda tem uma grande importância pelo elevado número de pescadores envolvidos, estas praias são sobretudo as que se encontram compreendidas entre Espinho e Mira, e são palco de visitas por grande parte dos turistas que todos os anos se fixam, temporariamente, nestas zonas. Na época de verão na zona de Espinho, pode constatar-se que os turistas estrangeiros e até já alguns nacionais, procuram este tipo de “Património Imaterial”, como forma de lazer e fazerem turismo. Ganha assim a “Arte” e a economia local.

2.4 Tanoaria

2.4.1 Uma estória dentro da História

Na antiguidade, os povos como os Fenícios, Gregos, Romanos e Cartaginenses desenvolveram um grande polo comercial no mediterrâneo. Usavam potes de barro para o transporte dos produtos que comercializavam, como o azeite e vinho. No norte da Europa abundavam as florestas, e a madeira que era extraída começou a ser utilizada para a construção de baldes e vasilhames, e utensílios para a agricultura. Com o desenvolvimento desta e da pecuária, o homem desde muito cedo começou a fabricar ferramentas que o auxiliavam nessas tarefas.

Desde a Idade Média, o abastecimento de água na cidade de Lisboa, era feito por aguadeiros que carregavam barricas cheias de água.

Portugal, sendo um país com uma grande tradição na construção naval, por condicionalismo geográfico, favoreceu a sua posição aos artesãos que eram em elevado número. Desde carpinteiros, cordoeiros, marceneiros, ferreiros, tanoeiros, todos encontraram trabalho melhor remunerado do que aquele ligado à agricultura ou pecuária. No século XX, a cidade do Porto e as suas zonas ribeirinhas eram polos de atração comercial e eram portas de entrada e saída de muitas embarcações que trocavam produtos vindos do norte da Europa.

O rio Douro constituía um canal de escoamento, e através das embarcações, os produtos eram escoados vindos do interior do país para fora. Portugal exportava sal, peles, cortiça, mel, vinho e azeite.

Como Portugal mantinha relações com a Inglaterra que, em tempos menos calmos, se manteve nossa aliada, este país concedeu aos nossos mercadores regalias especiais e, em 27 de Dezembro de 1703, foi celebrado entre Portugal e a Inglaterra o tratado de Methuen em que o Rei de Portugal prometeu adquirir os produtos têxteis Ingleses. Por sua vez, e foi nesta altura de que Arte da Tanoaria vai conhecer o seu apogeu, a rainha de Inglaterra obrigava-se a adquirir para sempre os vinhos de Portugal. O vinho, que então ia em barricas, não pagava impostos na alfândega e assim por um lado se exportava mais vinho e por outro a Tanoaria de iria desenvolver, e sendo mais importante, cada vez mais havia tanoeiros. Oficinas de tanoaria começaram a surgir em

Gaia, Porto, Lisboa, Setúbal e Funchal. Os tanoeiros eram respeitados e bem remunerados, em especial pelas Casas Inglesas de Gaia, que chegavam a pagar salários em libras de ouro.

Um bom vinho não depende só de uma boa casta, mas também do tipo e tempo de armazenamento que este tem. Muitas vezes, quando estamos a saborear um excelente vinho, só falamos do trabalho do enólogo ou do tipo da casta, esquecendo, por ignorância ou menosprezo, todo o saber e esforço do trabalho do tanoeiro. Pessoas que de alma e coração se dedicam a esta nobre arte, que é um conjunto de conhecimentos e perícia. Este caso de estudo tem uma dupla importância a nível ambiental. Por um lado, deverá existir sempre uma correta gestão das florestas, onde estas nos dão a sua matéria-prima, a madeira para a conceção das barricas. Por outro lado, em conjunto com a enologia, assegurar sempre, uma correta gestão e organização de toda a produção a fim de minimizar os impactes ambientais que daí possam advir. A arte da Tanoaria e a Enologia como ciência deviam articular esforços numa lógica de bem comum, quer ao nível da produção, quer ao nível do armazenamento. Gerir bem, será sempre o último reduto para ser ter sucesso.

Hoje, no nosso tempo, em Esmoriz concelho de Ovar, cerne da tanoaria em Portugal existem ainda algumas casas a laborar esta arte. Esta é uma arte (ofício), enraizada nas gentes do concelho, tem como pertença todo o saber que a arte implica. O sistema de trabalho ainda tradicional, não sofreu ao longo do tempo, grandes alterações funcionais.



Figura 13 – Monumento alusivo ao Tanoeiro

2.4.2 Tanoaria J. Dias & CA. SA

Tendo iniciado a sua atividade em 1935, a tanoaria J. Dias & Ca, SA é orgulhosamente uma empresa familiar portuguesa de renome e notoriedade mundial. Atuando num setor onde a tradição se mantém, esta empresa cresceu e inovou dentro do seu contexto. Após quatro gerações, o comprometimento com a qualidade e excelência nos seus produtos e serviços é a principal razão para que esta empresa tenha elevada notoriedade. A ambição da tanoaria J. Dias é uma só. Assegurar que todos os seus produtos sejam modernas ferramentas de trabalho, combinando o conhecimento e experiência dos seus tanoeiros com investigação e suporte científico, indo ao encontro das necessidades de todas as empresas que possam necessitar de estagiar os seus produtos em madeira. Exportando para mais de 25 países, a J. Dias é uma empresa global com uma visão muito clara de quais devem ser as linhas estratégicas orientadoras para o seu futuro: qualidade, dinamismo e diversificação. Construindo relações fortes e próximas com todos os seus clientes, respondendo a todas as suas necessidades e desafios, a J. Dias tem vindo a crescer de forma sustentável, tendo grande respeito e preocupações a nível ambiental, tem adquirido uma posição muito respeitada dentro e fora do país.



Figura 14 – Logotipo da J. Dias & CA, SA

2.4.3 Método de construção de um barril

A matéria-prima usada são o ferro e a madeira. O ferro que é adquirido em bobinas de tiras de diversas larguras e espessuras para fazer os arcos (aros) e a madeira, muito importante, é usado carvalho francês ou americano. A madeira é adquirida em ripas com dimensões já pré estabelecidas, com comprimentos que variam entre os quarenta e os

duzentos centímetros e com larguras em que podem variar entre os 3 e 12 centímetros. A espessura varia entre os 1,5 e os 3,5 centímetros. Tem uma degradação química de dois anos. Depois, manualmente, e com as tiras agrupadas por medida são levantadas pilhas ao ar livre para poderem secar sob as condições atmosféricas naturais.

A tanoaria, tendo a sua proximidade junto ao mar, goza de condições excelentes para a secagem da madeira. A madeira, com secagem ao ar-livre é selecionada e dividida por critérios específicos tais como espécie da madeira, porosidade e tempo de secagem pretendido. A água, a luz solar e a temperatura vão provocar, durante o tempo de secagem natural, a degradação. O tempo secagem da madeira tem uma importância para a qualidade final dos barris. Usando apenas o fogo, alimentando por madeira de carvalho, restos de madeira que resultam da própria produção, com controlo de temperatura e tempo de exposição do barril ao fogo, são recriadas combinações destes dois parâmetros que determinam o tipo e consistência de aromas que vão resultar no final em dar um excelente sabor e palato ao vinho.

Conforme vai havendo necessidade na produção, as dimensões das ripas já secas, uma a uma, são revistas manualmente numa serra circular. Durante este processo é feita uma primeira seleção e são retiradas as que não estão em condições ideais de construção.

No método de fabrico, as ripas, uma vez mais de forma manual e uma a uma, são torneadas em máquina própria, para ganharem ligeiramente uma forma ligeiramente abaulada.

Depois, segue-se uma operação a que se dá o nome de esquibir, esta de grande importância na preparação das ripas de madeira. Todo este processo é feito que na tupa quer na globa, tendo o Tanoeiro a arte e mestria de “funcionar” a olho.

Para fazer os tampos e fundos, usam-se ripas de madeira que se encostam e fixam com pregos de dois bicos. Para vedar as ripas usa-se a palha tábua (tipo ráfia).

Com o auxílio de um arco de cabeça ou molde, vão-se colando as aduelas e uma a uma vai-se completando o círculo. Depois são aplicadas, sempre seis arcos, não sendo ainda definitivos, para poder trabalhar o barril à vontade.

Segue-se uma nova etapa, o afogachar, que consiste em fazer uma fogueira dentro do barril para que a madeira se torne maleável e não parta quando for vergada. Vai-se

depois dando pancadas nos arcos, não definitivos, para poderem ir descendo através das ripas, formando inicialmente o barril.

A arte de tanoar, o fazer barris, em que estas etapas são exercidas manualmente exigem grande esforço físico mas ao mesmo tempo mão-de-obra especializada, os trabalhadores, enquadrados muitas vezes em ambiente naturalmente exigente, deviam “gozar” de um maior interesse humano por parte de fontes oficiais, dando-lhes uma maior visibilidade.



Figura 15 – Processos de fabrico de um Barril

2.4.4 O Golf

Há quem diga que teve a sua origem na Holanda, no século XIV. Outros, a maioria, defendem que tudo começou na Escócia. E, na verdade, o primitivo golf jogado pelos escoceses é bem semelhante ao que se pratica hoje em dia.

Os percursos do golf podem apresentar aspetos muito diferentes, resultando não só do relevo natural e revestimento vegetal do terreno onde se implantam mas também da maior ou menor intervenção do homem na sua preparação.

Os percursos junto ao mar, que aproveitam as dunas, designam-se por “links”. Os primeiros “links” apareceram na Escócia onde os pastores se divertiam a perseguir uma bola sobre prados verdes e dunas de areia. Bem perto do mar.

O Oporto Golf Club, o mais antigo club de golf da península e o quarto de toda a Europa, existe há mais de cem anos em Silvalde, Espinho.

Espinho é uma cidade que nasceu do gosto dos nossos bisavós em dirigirem-se uma vez por ano até perto do mar. Foi a moda de fazer praia, passar pelo menos um mês a

olhar fortuitamente o amplo horizonte oceânico, a ver passar os navios distantes, a encher os pulmões de brisa fresca, a tomar o gosto da salsugem atirada à costa pela nortada, a molhar os pés no arpejo das ondas geladas. Do ritual do vestir e despir das frágeis barracas cobertas com pano de riscas coloridas.

Nas tardes soalheiras de verão as pessoas ficavam nas esplanadas a conversar sobre os assuntos da vida quotidiana.

Muitos anos antes, apenas uns palheiros de madeira albergavam uma colónia de pescadores-agricultores no lugar de Espinho, freguesia de S. Félix da Marinha no Concelho de Vila Nova de Gaia. O local da futura cidade chamava-se simplesmente Praia. Com a chegada de pescadores do Furadouro (Ovar), que no verão ficavam na costa para pescar, apareceu a povoação de Espinho-Mar com a sua pequena capela de N^a Sr^a da Ajuda aberta ao culto em 1809, quando já ali habitavam mais de cento e vinte e cinco casais, descendentes da comunidade piscatória.

A partir de 1830, as famílias mais importantes da Vila da Feira deslocavam-se todos os anos para passarem aqui a estação do verão. Mas foi o comboio e a abertura da linha férrea do norte em 1867 que definitivamente transformaram Espinho numa terra, que algumas vezes a fúria do mar destruiu. Mas a tenacidade e resiliência dos espinhenses, encontraram sempre soluções para domar as ondas bravias, que acabaram por destruir a Praça Velha em 1896, a igreja matriz em 1904, a nova igreja em 1910 ou a esplanada em 1936.

Curiosamente, a fundação do Oporto Golf Club quase coincide com a data da criação da freguesia de Espinho e a sua vida entrelaça-se ao longo de cem anos com a da própria cidade. A história do Oporto Golf Club e a história do golf em Portugal, está também ligada a uma outra bem mais antiga, a das relações entre Portugal e a Inglaterra.

Logo quando Portugal se tornou independente muitos foram os cruzados ingleses que, a caminho da Terra Santa, aportavam ao estuário do Douro ou ajudaram a conquistar Lisboa aos mouros. Ao longo de todo estes séculos, e passando por muitos deste acontecimentos, os comerciantes britânicos que se mudaram para o Porto e arredores trouxeram com eles costumes diferentes que aqui permaneceram porque os ingleses ficaram, construíram casas, tiveram filhos e netos e mantiveram vivas as suas tradições. Os descendente destes comerciantes ensinaram os portugueses a gostarem de

ténis, de rugby, de squash. Foram eles que trouxeram o futebol. E inauguraram, em 1890, o primeiro clube de GOLF em Portugal. O OPORTO GOLF CLUB.



Figura 16 – Balseiro e Tonel fabricados na Tanoaria J. Dias & CA, SA

2.4.5 Aeroclubb da Costa Nova

Em 1935 desceram aqui os primeiros aviões e, poucos anos depois, era criado o Campo de Aviação junto à lagoa de Paramos, para fins militares. Mas os amantes da aviação civil fundaram o Aeroclube da Costa Nova, hoje designado por Costa Verde, que a partir de 1958 fez levantar da pista do seu aeródromo muitos aviões e planadores conduzidos por pilotos que ali deram os primeiros passos, muitos dos quais vieram a ingressar na Força Aérea Portuguesa.

É um aeroclube de grande importância no panorama nacional com atividades de voo, aerodelismo, escola de voo, centro hípico, entre outras atividades. O espaço do centro hípico é amplo e bem conservado com serviço de aluguer de cavalos, escola de equitação e um picadeiro coberto. O espaço organiza ainda torneios a nível nacional. Tem também, um espaço lúdico para as crianças mais pequenas, com animais ovinos e caprinos. Um espaço a visitar. Fica junto ao Regimento de Engenharia N°3, em Paramos.

3 Caso de Estudo “Corredor Verde”

3.1 Apresentação do “Corredor Verde” – Poster Científico

Este trabalho, projeto final de curso, foi desenvolvido em duas partes.

A primeira, designada por Projeto de Gestão Aplicada I, teve a elaboração e apresentação de um Poster Científico. Poster esse, que descreve e sintetiza, através de seis fases, o trabalho a realizar na segunda parte do trabalho, Projeto de Gestão Aplicada II.

Para isso, o Poster Científico indica de uma forma sumária as áreas geográficas onde se vai realizar o estudo, as metodologias e a forma de implementação. Indica e apresenta as três áreas de localização através de fotografias, Castro de Ovil, Lagoa de Paramos e o Parque Ambiental do Buçaquinho.

O cerne do projeto reside na construção de um passadiço em madeira, que permitiria ligar estes três locais, proporcionando e acentuando a requalificação de cada um deles, bem como da Lagoa de Paramos, envolta de um grande interesse ecológico e paisagístico.

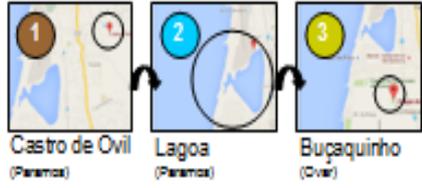
Ao longo do percurso, seria possível dar a conhecer a riqueza do património material e imaterial local, dos concelhos que abrangem estas áreas de estudo: Distrito de Aveiro, nos Concelhos de Espinho, freguesia de Paramos e Ovar, freguesia de Esmoriz; bem como recuperar uma velha mas presente questão: a poluição na Lagoa de Paramos.



Corredor Verde

António Manuel Dias Franco

Freguesias de
Paramos (Espinho) e Esmoriz (Ovar)



Distrito de Aveiro

1 Castro de Ovil – história e arqueologia

Povoado fortificado de Ovil. Aglomerado prob-urbano da idade do ferro, com ocupação romana, visigótica, medieval. Povoado fortificado. Este castro pré-romano é datado do século III A.C. O sítio arqueológico foi identificado em 1981, embora se encontrem referidos diversos documentos dos séculos X, XI, XII e XIII. A atual toponímia "Ovil" provém da denominação medieval da beirama de Esmoriz: "Lagoa de Aulie", "Ualie" e "Ovil".

Localização: Acessos Lugar do Monte, por desvio de terra batida à EN 109-4, 40°58' N, e 0°30' 43 E.

Conhecer o passado, valorizar no presente e preparar o futuro

3 Parque Ambiental do Buçaquinho - sensações

O Parque do Buçaquinho é um espaço com uma biodiversidade riquíssima ao nível da fauna e da flora. Disponibiliza um conjunto de equipamentos que permitem atividades pedagógicas no âmbito da educação e interpretação ambiental e atividades de lazer ao ar livre. Integrado numa área de pinhal e lagoas, contempla uma cafeteria, parque infantil, Jardim de plantas aromáticas, torre e pontos de observação da vida fauna, espaço expositivo (onde se localiza também uma sala polivalente e o Centro de Educação Ambiental) entre outros. A sustentabilidade é um dos conceitos-chave do Buçaquinho, um parque que apresenta um ambiente construído saudável, baseado na eficiência dos recursos e princípios ecológicos, tendo como meta a excelência do desempenho energético.

Projeto sobre um Roteiro Turístico

Fazer a ponte entre as Ruínas de Castro de Ovil (história/arqueologia) passando pela Lagoa de Paramos (requalificação ambiental) e cruzando o Parque Ambiental do Buçaquinho (sensações)

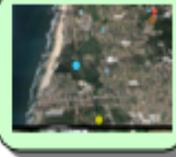
Projeto de um corredor "verde" aproveitando as valências históricas, arqueológicas e ambientais dos três locais com potenciais turísticos

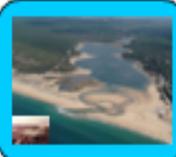
União entre a história e o ambiente

2 Lagoa de Paramos – ambiente

Situada a sul do Concelho em Paramos, constitui uma área de interesse ecológico, paisagístico e recreativo possuindo uma grande diversidade ornitológica e vegetal, sendo de referir que algumas das espécies existentes constam nas "Diretivas do Conselho das Comunidades Europeias relativas à conservação das aves selvagens".

Futuramente: (valorização do espaço)
Possível construção de uma ponte pedonal sobre a Lagoa para observar a fauna que ali se encontra.




Gestão do Ambiente e Território (GAT) – Projeto de Gestão Aplicada I – Ano letivo de 2015/2016

Figura 17 – Poster Científico, Projeto de Gestão Aplicada I

3.2 Caracterização da área de estudo

Este trabalho tem por objetivo a proposta do “Corredor Verde”, na sua vertente pedagógica e ambiental, que passa pela construção de um passadiço de madeira, do género que foi feito no concelho de Arouca na margem esquerda do rio Paiva.

A sua construção iria unir Castro de Ovil, com a sua componente histórica e arqueológica à Lagoa de Paramos, a fim de se fazer a requalificação e limpeza das margens, e continuaria até ao Parque Ambiental do Buçaquinho, onde os visitantes poderiam usufruir de um espaço lúdico e de lazer e ainda descansar na cafetaria e centro de atividades, espaços de grande originalidade. Um espaço com muita biodiversidade.

3.3 Zona de Castro de Ovil

Toda a zona envolvente, com a sua proximidade ao mar, possui uma fauna e uma flora riquíssimas. A zona de Castro de Ovil, banhada pela ribeira de Riomaior, fica numa colina com cota máxima de 55 metros e é envolvida por uma configuração ovalada em declive suave. Dista do mar 2400 metros e tem uma área próxima dos dois hectares. Situa-se numa zona a que as gentes locais designam por Lugar do Monte, na freguesia de Paramos, Espinho. A construção do passadiço de madeira iria valorizar esta zona, não só a nível ambiental, como também preservar a sua memória e património existente. Iria preservar no tempo, com a construção de um espaço lúdico, a história e cultura da comunidade de Castro de Ovil, uma povoação com origem antes do tempo dos Romanos com tradição na manufatura de artefactos de barro. Iria reconverter e valorizar a nível ambiental as suas margens.

3.4 Lagoa de Paramos – Localização

Ao longo do tempo, a Lagoa de Paramos, que fica entre as regiões do Douro e Aveiro, foi sendo chamada de várias maneiras, nomeadamente Lagoa de Ovil, talvez por ser alimentada pelas águas da ribeira de Riomaior que passa em Castro de Ovil, Lagoa de Esmoriz ou ainda de Barrinha de Esmoriz. Esta lagoa, alimentada pelas águas do mar e por dois cursos de água, tem um grau de salinidade variável e águas calmas que depositam sedimentos tanto de origem marítima como continental. A superfície alagada tem vindo a diminuir ao longo dos anos devido a diversos fatores naturais, mas também humanos (construção de fogos). Tem neste momento cerca de 1450 metros de comprimento e 1300 metros de largura. A alimentação da Lagoa faz-se por água do mar, chuvas, águas dos afluentes da ribeira e rio, e ainda do lençol freático.

3.4.1 Espécies de fauna existentes

Ao ser criado, o passadiço de madeira reforçava esta zona protegida, onde se poderia admirar a fauna e flora, sendo um ótimo observatório da avifauna.

Quanto às espécies que ali habitam, existe uma grande diversidade, como o pato-real, a garça-real, o galeirão, a cegonha negra, o maçarico-preto, o falcão peregrino, a coruja e chegaram a ser vistos flamingos.

3.4.2 Ameaças existentes para a Lagoa

As principais ameaças que se afiguram para a lagoa são por um lado a poluição, por ação das fábricas circundantes, mas sobretudo a pressão de construção em área lagunar. Estas situações são verdadeiros crimes ambientais. Apesar do que está definido nos planos diretores municipais e tudo o que tenha a ver com a reserva ecológica nacional e reserva agrícola nacional, continuam a ocorrer e a colocar em causa os planeamentos de ordenamento territorial.

Ao longo do tempo, uma forte carga de efluentes contaminados e de todo o tipo de resíduos foram sendo despejados para os caudais das ribeiras ou mesmo para a zona da lagoa, e esta encontra-se hoje bastante assoreada. A profundidade da lagoa, ao longo do ano, não ultrapassa um metro. É urgente inverter esta tendência para que as gerações

vindouras tenham a oportunidade de conhecer uma área que devia ser considerada património de interesse nacional.

3.4.3 Ligar a Lagoa ao Parque Ambiental do Buçaquinho

Fazendo a ligação com o Parque Ambiental do Buçaquinho, ao fazer-se a limpeza da lagoa, as margens do rio Lambo poderiam ser alargadas, o passadiço de madeira iria ligar a Lagoa ao Parque, e seria possível fazer passeios de canoa. Estando no parque, que tem uma área de vinte e quatro mil metros quadrados, pode-se só usufruir das sensações, ou visitar o centro de educação ambiental, mas é possível também observar toda a biodiversidade da torre que se encontra na parte sul do parque. Para além do mais, é possível usufruir dos serviços da cafetaria, um espaço muito agradável e com uma arquitetura fora do vulgar que chama a atenção até dos mais distraídos. Este parque tem seis lagoas, onde entre outras espécies existe o lagostim, que parece ter sido posto de propósito para servir de alimento às espécies de aves existentes. Através de caminhos de terra e deck podem dar-se passeios a pé ou bicicleta, estas alugadas no parque. Fazendo a ligação com o parque, existe a ciclovia ou ecopista, que o liga à ria de Aveiro e até às praias de todo o concelho de Ovar.

3.4.4 Lagoa de Paramos, que futuro?

O futuro da Lagoa de Paramos enquanto ecossistema local e muito importante para a conservação das espécies, quer ao nível da fauna quer ao nível da flora e também da paisagem inerente, irá depender, fundamentalmente das medidas que visem reduzir as ameaças que sobre ela se têm colocado, como a poluição vinda pelos afluentes. A implementação e fiscalização das regras inerentes às zonas classificadas como REN e RAN, e também ao correto ordenamento urbanístico que salvguarde, uma área que funcione tipo “tampão” de todo o ecossistema existente. Em conjunto, embora se designe por “Reserva Natural”, as duas autarquias devem estudar qual o melhor meio para criar um estatuto que proteja melhor e propor uma classificação junto das entidades responsáveis.

3.4.5 Instabilidade da água da Lagoa

Quanto à instabilidade das águas da Lagoa e aos efeitos que tem sobre o seu equilíbrio ecológico, quer ao nível da qualidade das praias, é indispensável que se procure restabelecer a dinâmica natural deste local. Este local, já foi uma zona com influência de maré e que isso representava uma riqueza para o ecossistema, porque aqui os peixes vinham desovar. O desassoreamento da Lagoa é fundamental, mas só iria justificar-se, se a montante os cursos de água fossem despoluídos e para isso acontecer, as fábricas que ainda hoje estão a despejar constantemente resíduos químicos, o deixassem se fazer. Aqui, a fiscalização deveria funcionar melhor, já que muitas vezes a sensibilização não é eficaz.

3.4.6 Acessos à Lagoa

Com a construção do passadiço de madeira, designado por “Corredor Verde”, o acesso à Lagoa poderia fazer-se, entre outras, de duas maneiras. Pelo passadiço de madeira, a norte, Castro de Ovil e a sul, Parque Ambiental do Buçaquinho. Vindos do lado do Castro de Ovil, iríamos apanhar, como visita o FACE – Fórum de Arte e Cultura de Espinho na Rua 41 / Av. João de Deus, a Tanoaria na rua da Lomba nº 513, o Campo de Golf e o Aeroclube/Hipismo em Paramos junto à praia (onde se localiza a Lagoa). Já perto da Lagoa, iríamos, através do passadiço, atravessar uma zona de caniçal, do lado esquerdo, e uma zona de vegetação rasteira e solos arenosos do lado direito. Já na Lagoa e com a extensão do passadiço até ao meio desta, e com a construção de um observatório de avifauna, poderíamos aí descansar e observar a avifauna e flora existente.

Vindos pelo lado do Parque Ambiental do Buçaquinho, a visita à Lagoa podia ser feita pelo passadiço de madeira ou então por caiaque, e este, até à entrada da mesma e passando depois para o passadiço, para não perturbar as espécies que tivessem na água.

3.4.7 Melhor época para conhecer a Lagoa

Todo o ano será sempre uma boa época, mas a primavera e o outono por coincidirem com as épocas de migração, são as melhores alturas do ano para observar a avifauna e poder encontrar algumas novas espécies. Na primavera, terá sempre a grande oportunidade de ver uma boa parte das plantas em flôr e um grande número de insetos coloridos que são responsáveis pela polinização das plantas e que tiram grande partido da abundância de pólen criado por estas. No outono, também existe um grande número de aves e a lagoa encontra-se com mais água. A melhor hora para visitar este local, é sempre de manhã muito cedo ou então à tarde ao pôr do sol, onde as aves se podem ver em grande número, pois passam aqui a noite pela proteção que a Lagoa lhes dá.

3.5 Sugestões para implementação do passadiço

Como a própria vida não é estática e está sempre em mutação e evolução, é possível criar projetos que tornem as nossas vidas melhores e o ambiente mais saudável.

O projeto do passadiço, através de um roteiro turístico, é uma forma de requalificar dois espaços e dar a conhecer outro que já sofreu uma grande requalificação (parque do Buçaquinho). **Como foi referido atrás, existe em Portugal um projeto idêntico ao que se pretende para esta zona da Lagoa. Os Passadiços do Paiva que se localizam na margem esquerda do Rio Paiva, no concelho de Arouca, distrito de Aveiro.** São 8km que proporcionam um passeio de 02h30 inesquecível e que ficará no coração, na alma e na mente de qualquer apaixonado pela natureza. O passadiço “Corredor Verde”, iria ter o mesmo âmbito, a melhoria dos espaços, aproximar as pessoas da natureza e ainda a divulgação do património material e imaterial, com especial ênfase para este último.



Figura 18 – Percurso do Paiva, Passadiço de Madeira

Para a implementação do “Corredor Verde”, passadiço de madeira, sugeria em primeiro lugar, e **muito importante, que as duas autarquias trabalhassem em unísono** e que observassem o quão é importante haver projetos desta amplitude.

Segundo, que a construção deste passadiço, não só iria promover os espaços envolventes, mas também a oportunidade de as populações locais e visitantes, gozarem do espaço com toda a sua fauna e flora existente.

A construção do passadiço, iria devolver aos cursos de água a recuperação das espécies piscícolas que outrora existiram.

A aproximação, numa lógica de convívio, das populações vizinhas que muitas vezes por questões ideológicas entram em confronto.

4 Conclusões e sugestões para prosseguimento do estudo

4.1 Conclusão

A realização deste trabalho teve como principal intuito dar a conhecer e chamar a atenção da comunidade local e de fora, para a necessidade de proteger e requalificar a Lagoa de Paramos, e para isso, foi feito um roteiro turístico, que vai ligar a lagoa à história e arqueologia em Castro de Ovil e às sensações no Parque do Buçaquinho.

Com o roteiro, dar a conhecer o património material, e com este, o património religioso, hoje ainda, um reduto da nossa identidade e que condiciona, muito, a nossa vida social. Também o património imaterial, aquele que define a identidade, saberes e sentimentos de pertença das gentes locais, é sempre um cartão-de-visita a fim de ser descoberto em museus e casas de cultura local. Dar a conhecer o espaço, a fauna e a flora do local e a importância que esta tem em termos de biodiversidade.

Proteger e cuidar, deverá ser sempre divertido e relaxante. E sabemos por experiência própria que o contacto com a natureza nos faz bem. O contacto com a natureza torna-nos criativos, saudáveis e sensíveis.

4.2 Sugestões para prosseguimento do estudo

Através de programas escolares e turísticos, podia articular-se conhecimento secular com interesses de natureza académica, científica, investigação e turística, para dar mais valor etnográfico e antropológico. Para isso, juntas, as autarquias de Espinho e Ovar, através dos seus pelouros da cultura e turismo, em conjunto com o Ministério da Educação e o Ministério da Economia onde está integrado o Setor do Turismo, poderiam criar programas que, por um lado, envolvesse a comunidade escolar em ações de formação (aulas no exterior), e por outro, sensibilizar os promotores do turismo local a criarem eles também, roteiros onde a premissa da “Requalificação da Lagoa de Paramos” fosse um dado adquirido. Adotar esta causa como valor intrínseco, até porque o homem é natureza.

Bibliografia

A Arte da Tanoaria, João Cunha, Câmara Municipal de Ovar 2002.

Álvaro Pereira – Espinho Monografia de Espinho e Paramos, 1970.

Biblioteca de Ovar, Repositório Academia Nanoval de Belas Artes, Ovar 1981.

Castro de Ovil, Câmara Municipal de Espinho, Coordenação de Carlos Sárria e Jorge Salvador (Arquiteto e Arqueólogo).

Colégio de S. Luiz 1922 – 1969, Associação dos Antigos Alunos de 1999.

História do Aeroclube da Costa Verde, Luís Santos Luz, Setembro 1998.

Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro ZONA NORTE, Lisboa 1981.

Museu Municipal de Espinho, FACE Fórum de Arte e Cultura de Espinho.

O primeiro Autarca de Espinho e memórias Antigas 1889, Fernando Miguel.

Oporto Golf Culb – Centenário 1890 a 1900, Paula Brito e Gonçalves Guimarães, Novembro 1994.

Rede de Ciclovias e Ecopista.

Roteiro da Freguesia de Paramos.

Terras de Santa Maria, Civitas Sanctae Mariae Coimbra – Imprensa da Universidade 1929 de Aguiar Cardoso.

Site: <http://jdiascooperage.pt/a-nossa-equipa/>.